



Rumo à Cessação do Suicídio Eclesiástico

Uma Teologia da Paz do Ponto de Vista Anabatista

Por Anthony F. Buzzard
MA (OXON), MA TH

Título Original (Em Inglês)
*“Towards the Cessation of Church Suicide: A Theology of Peace from an
Anabaptist Point of View”*

Traduzido por *Fernando Coutinho Sánchez*
(ferjosousan@gmail.com)
Machalí – Osorno, Chile, marzo de 2024

(A Journal from the Radical Reformation, Summer 1996, Vol. 5, No. 4)

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres **ITÁLICOS**.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “**ITÁLICOS**” e/ou transliteradas para o português.



Uma simples confissão está subjacente a esta apresentação de uma teologia da paz: li o Novo Testamento após um convite para ver o que a Bíblia diz sobre o uso de armas nucleares. Encontrei nos documentos um Jesus marcadamente diferente daquele Jesus com quem a igreja anglicana me criou. Foi um Jesus que desafiou os seus futuros seguidores com uma exigência radical de obediência: “*Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?*” (*Lucas 6:46*). Ele esperava obviamente que o Sermão da Montanha fosse encarado com a maior seriedade. Parte desta resposta “ingénua” a ordens claras está subjacente à insistência de Dietrich Bonhoeffer em que:

Jesus só conhece uma possibilidade: a simples entrega e obediência, não interpretando nem aplicando o Sermão da Montanha, mas praticando-o e obedecendo-Lhe. Essa é a única forma

de ouvir a sua palavra. Mas, mais uma vez, isto não significa que deva ser discutido como um ideal, na verdade quer que comecemos a trabalhar. ^[1]

Como isto está deliciosamente isento do pesadelo da complexidade teológica que muitas vezes acompanha o debate sobre Cristo e a guerra!

Do ponto de vista de que Jesus proíbe fazer explodir inimigos, todos os contra-argumentos parecem compromissos perigosos destinados a interferir com a obediência essencial necessária para entrar no Reino de Deus: “*Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus*” (Mateus 7:21). Jesus continua a proferir a mais terrível de todas as suas palavras. Muitos protestarão no julgamento por o terem servido fielmente ao ponto de pregarem em seu nome e demonstrarem o seu poder em feitos carismáticos. No entanto, não serão reconhecidos como nada além de falsos profetas (Mateus 7:23). A questão é claramente de obediência pela fé; e a obediência deve incluir a submissão às “palavras duras” sobre “amar os inimigos” e “não resistir às pessoas más”. Uma vez adotado o critério absolutista, as várias “religiões” oferecidas pelas denominações começam a parecer suspeitamente falsificações: pálidos reflexos do original, imitações não muito bem camufladas da realidade, mas suficientemente dotadas de linguagem cristã para parecerem plausíveis. Não era necessário um apóstolo para alertar os coríntios de que o diabo estaria ocupado a promover as suas versões espúrias de “Jesus”, “espírito” e “evangelho” (2 Coríntios 11:1-4)? Será o Jesus que tolerou a violência da Igreja durante cerca de dezassete séculos o Messias Jesus da revelação? Estarão as comunidades cristãs que sancionam o uso de uma terrível força destrutiva contra os seus inimigos e correligionários, em nome da “guerra justa”, a navegar sob bandeiras falsas?

Partindo de princípios ingênuos, pode-se acrescentar substância à convicção através de leituras de teologia e história da Igreja. Construirei a minha teologia da paz com a ajuda daquelas muitas vozes que para mim têm o tom claro da Verdade, em oposição à linguagem trágica do compromisso e da apostasia. Ao longo do livro tomarei nota do raciocínio persistente, mas, parece-me, equivocado por parte do acampamento que parece empenhado em obscurecer e tornar complexa uma questão sobre a qual Jesus nunca se enganou. Para quem procura a verdade das Escrituras, a queixa de Habacuc parecia falar eloquentemente da justificação oficial da Igreja Anglicana no pós-guerra para o envolvimento cristão num “conflito justo”:

“Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida” (Habacuque 1:3, 4).

A reação dos meus dedicados pais ao meu “idealismo” foi fazer com que fosse examinado por um psiquiatra, sob cuja supervisão e cronometrado com um cronómetro, organizei os blocos de acordo com um padrão prescrito.

Recentemente, a descoberta de um pacifista britânico num ambiente semelhante ajudou-me a compreender a revolução que o Sermão da Montanha provocou em alguém para quem a guerra fazia parte do *status quo* respeitável:

¹ “*The Cost of Discipleship*” (O Preço do Discipulado), New York: Macmillan, 1959, 218-219.

Não esqueçamos que desde o meu nascimento todas as minhas associações e impressões foram a favor não só da legalidade, mas também da glória da guerra... A guerra parecia a condição mais normal do homem, e a paz uma rara e vazia exceção. ^[2]

Um argumento poderoso para a não participação dos cristãos na guerra pode ser construído com base na história da igreja primitiva: os crentes aparentemente não se juntaram ao exército até cerca de 177 d.C., e depois disso não era incomum que o batismo e a Ceia do Senhor fossem negados. Presume-se que a igreja do início do século II manteve uma ligação mais estreita com a verdade apostólica original. Contudo, uma vez que é para as Escrituras que devemos apelar como árbitro final em questões de doutrina cristã, a nossa linha de defesa mais forte contra a teoria Post-constantiniana da “guerra justa” pode basear-se na visão bíblica da fraternidade cristã. (Um vestígio desta visão vê-se na insistência das igrejas Post-constantinianas para que o clero se abstenha de matar.)

I. “AMAMOS UNS AOS OUTROS”

As sementes da ética do Novo Testamento de uma comunidade separada, demonstrando a adesão a uma prioridade acima do Estado, encontram-se no Antigo Testamento. As Escrituras Hebraicas estabelecem o princípio de que o derramamento de sangue na guerra entre irmãos é impensável (2 Crônicas 11:4: “*nem pelejareis contra vossos irmãos*”). A palavra de Elias a Jeorão de Jerusalém é clara na sua condenação do fratricídio: “*mas andaste nos caminhos dos reis de Israel, e induziste à idolatria a Judá e os moradores de Jerusalém... e também mataste a teus irmãos, da casa de teu pai, melhores do que tu*” (2 Crônicas 21:13). A carreira militar de David é considerada uma desqualificação para a construção do Templo (1 Crônicas 22:8). Abraão romperia os laços com o seu país de origem, bem como com a sua família natural, para se tornar o pai de uma nova comunidade de fé (Gênesis 12:1-4). O próprio Jesus segue este modelo quando reconhece a sua verdadeira família não em Maria e José, mas naqueles que fazem a vontade do Pai (Mateus 12,46-50).

A igreja do Novo Testamento inclui evidentemente crentes de todas as nações, pois em Cristo não há “*não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos*” (Colossenses 3:11). A grande comissão, baseada na aliança com Abraão, ordena uma difusão internacional das Boas Novas do Reino (Mateus 24:14; 28:29, 30) e assim prevê a formação de uma comunidade de reis e sacerdotes “*de toda tribo, língua, povo e nação*” (Apocalipse 5:9), que devem “*Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros*” (Marcos 9:50), ser sal num mundo pútrido (Mateus 5:13) e “*de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo*” (Filipenses 2:15). A igreja constitui assim o Novo Israel de Deus (Gálatas 6:16), evidentemente concebido para ser um microcosmo do Reino de paz vindouro na terra. O pré-milenismo, baseado na visão dos profetas que Jesus endossou (Romanos 15:8) e à qual o Antigo e o Novo Testamento se agarram versículo após versículo, oferece a esperança de paz mundial quando as nações deixarem para sempre de aprender a arte da guerra (Isaias 2). A eficácia do Cristianismo deve agora ser demonstrada pela comunidade dos “*filhos do Reino*” (Mateus 13:38) (ou seja, aqueles destinados a um lugar no Reino) que, através do seu amor visível uns pelos outros, proclamam ao mundo a promessa da Nova Era. A esperança dos profetas

^[2] Sir L. Charles L. Brenton, filho de um oficial da marinha, que trocou a Igreja de Inglaterra pelos “*Irmãos de Plymouth*”; citado por Peter Brock, “*Pacifism in Europe*” (Pacifismo na Europa), Princeton University Press, 1972, 402.

deve ser realizada na comunidade crente, pelo menos até certo ponto, no “*presente século mau*”, embora a regeneração do mundo em geral seja esperada para além do Dia do Senhor (*Mateus 19:28; Atos 3: 21*). A igreja internacional deve ser como uma seta que aponta para a paz mundial do futuro messiânico.

Este tema bíblico omnipresente sofre um golpe mortal quando é proposto que os crentes possam participar no massacre dos seus irmãos de outras nações. Tal fratricídio apenas sugere que o Cristianismo não funciona, que o espírito é demasiado fraco para vencer as hostilidades naturais da carne. Desta forma, o Novo Testamento perde o seu significado. A humanidade, no seu relacionamento com os diferentes povos, não beneficia em nada de Cristo. O ódio não é substituído pelo amor. Não admira que encontremos Tiago a protestar que a amizade com o mundo significa uma hostilidade inevitável para com Deus (*Tiago 4:4*). Em nenhum outro lugar isto é mostrado mais claramente do que quando os “crentes” participam no massacre de outros membros do Corpo de Cristo. Satanás deve considerar este o seu maior triunfo; porque então Cristo fica dividido contra Cristo, a igreja suicida-se, o corpo autodestrói-se e a evidência do espírito de Deus a operar internacionalmente entre os povos da terra é destruída.

Este tipo de argumento de apoio à ideia de uma igreja cristã internacional não depende, para o seu sucesso, de alguns textos bíblicos. É um axioma em todo o Novo Testamento que os cristãos têm uma prioridade maior do que a lealdade ao Estado-nação individual. Deus fez de cada cristão um membro do corpo universal de Cristo. A prioridade da responsabilidade para com os irmãos crentes, independentemente da sua origem nacional, é muito clara nos nossos documentos cristãos. Ordens repetidas sobre a bondade, a tolerância, a unidade de espírito e o poder do testemunho visível do amor cristão enchem as páginas do Novo Testamento. Como pode alguém imaginar que bombardear outros cristãos possa ser outra coisa que não uma negação absoluta da fé? Não consigo compreender como é que o protesto direto do arcebispo *Percy Harthill* pôde cair em saco roto e não produzir arrependimento radical em todas as igrejas:

O credo proclama ainda que a Igreja é católica... universal e global... não simplesmente internacional, mas supranacional... A comunidade da Igreja é algo que o homem não fez e que não deve ser permitido quebrar... Obviamente Portanto, qualquer lealdade política ou social dos cristãos deve passar para segundo plano... Todos os homens devem saber que somos discípulos de Cristo se nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou (*João 13:34, 35*) ...Dentro da comunidade cristã, cada um deve estar ligado a todos por um amor semelhante ao de Cristo por todos. Esse é o novo mandamento; e a obediência a ele deve ser a evidência para o mundo do verdadeiro discipulado... Esta é a qualidade que Cristo projetou para a unidade da Igreja. Mas poderá haver algo mais em conflito com tal ideal do que os cristãos irem para a guerra contra os cristãos? ... Alguém fora de um hospício pode sugerir que quando, por exemplo, os cristãos britânicos e americanos aceitaram a responsabilidade pelo lançamento da bomba atômica que matou e mutilou corpo e alma os seus correligionários cristãos em Nagasaki, tal ato poderia ser “prova” de que dentro da comunidade cristã estavam unidos por um amor semelhante ao de Cristo por cada um deles? Se alguém ainda duvida disto, leia “*We of Nagasaki*” (Nós de Nagasaki), escrito por cristãos sobreviventes do bombardeamento. ¹³¹

Alguém que viu a força deste apelo à não-violência cristã foi o antigo capelão militar católico romano, *George Zabelka*:

¹³¹ “*War, Communism and the Christian Faith*” (A Guerra, O Comunismo e a Fé Cristã), *James Clarke & Co.*, n.d., 47-49.

Em 1945, a Ilha Tinian era o maior aeródromo do mundo. A partir daí, três aviões podiam levantar voo por minuto, vinte e quatro horas por dia. Muitos destes aviões iam para o Japão com o propósito expresso de matar não uma criança ou um civil, mas centenas, milhares e dezenas de milhares de crianças e civis... e eu não disse nada. Como capelão, tive muitas vezes de entrar no mundo de tipos que estavam a enlouquecer por causa de algo que tinham feito na guerra... Um homem contou-me que esteve numa missão de bombardeamento a baixa altitude, voando diretamente para debaixo de uma das principais ruas da cidade, quando mesmo à sua frente apareceu um menino, no meio da rua, a olhar para o avião com um espanto infantil. O homem sabia que em poucos segundos o rapaz seria queimado até à morte pelo napalm que já tinha sido lançado... ainda assim, nunca preguei um único sermão contra o assassinato de civis aos homens que o faziam... Silêncio em tais assuntos, especialmente vindo de um organismo público como os bispos americanos, é um selo de aprovação ... Os factos são que setenta e cinco mil pessoas morreram queimadas num bombardeamento incendiário que durou uma noite em Tóquio. Centenas de milhares foram destruídos em Dresden, Hamburgo e Coventry por bombardeamentos aéreos. O facto de quarenta e cinco mil seres humanos terem sido mortos por uma bomba sobre Nagasaki era novo apenas na medida em que foi uma bomba que o fez Parece-me um sinal de que mil e setecentos anos de terror e matança cristãos deverão chegar em agosto. 6 de outubro de 1945, quando os católicos lançaram a bomba atômica sobre a maior e primeira cidade católica do Japão. Poder-se-ia pensar que eu, como padre católico, me teria manifestado contra o bombardeamento atômico de freiras. (Três ordens de irmãs católicas foram destruídas em Nagasaki nesse dia.) Poder-se-ia pensar que eu teria sugerido que, como padrão mínimo de moralidade católica, os católicos não deveriam bombardear crianças católicas. Eu não fiz isso. Eu, tal como o piloto católico do avião de Nagasaki, “O Grande Artista”, fui herdeiro de um cristianismo que durante mil e setecentos anos foi dedicado à vingança, ao assassinato, à tortura, à busca do poder e à violência por prerrogativa, tudo em nome do nosso Senhor... Rezo para que Deus nos perdoe pela forma como distorcemos os ensinamentos de Cristo e destruimos o seu mundo ao distorcer esses ensinamentos. ^{14]}

Estes gritos apaixonados pelo abandono de uma tradição que nega o Evangelho ganham força a partir de numerosas vozes na tradição Anabatista, demonstrando o avanço da Reforma Radical sobre as denominações maioritárias em termos de captura do espírito do Cristianismo autêntico. Num artigo perspicaz intitulado “O cristão e a guerra: uma questão de consciência pessoal”, ^{15]} *David R. Plaster* descreve o argumento pacifista que ele próprio considera convincente. Isto “relaciona-se com a prioridade da obrigação do crente para com a sua cidadania celestial”. ^{16]} Continua citando *John Drescher*: “A igreja é um corpo inter-racial, supranacional e transcultural composto por todos os que colocam a sua fé em Jesus Cristo como Salvador e O seguem como Senhor”. ^{17]} Gesso refere-se então ao desenvolvimento de *Myron Augsburger* sobre as consequências da participação no corpo de Cristo:

Afirmar que se é membro do Reino de Cristo significa agora que a lealdade a Cristo e ao Seu Reino transcende todas as outras lealdades. Esta postura vai além do nacionalismo e chama-

^{14]} *Peacemakers*” (Pacifadores), 16-18.

^{15]} *Grace Theological Journal*, 6:2, 1985, 435-455.

^{16]} *Ibid.*, 444.

^{17]} “*Why Christians Shouldn't Carry Swords*” (Por Que Os Cristãos Não Devem Carregar Espadas) *Christianity Today*, Nov. 7, 1980, 21-22.

nos a identificar-nos, em primeiro lugar e acima de tudo, com os nossos companheiros discípulos de qualquer nação, enquanto servimos a Cristo juntos. ^[8]

Augsburger leva então o argumento à sua expressão mais completa da seguinte forma: A prioridade de obedecer a Deus em vez do homem “conflita com a participação ativa do crente na guerra”. ^[9] E leva o raciocínio um passo mais longe:

Uma vez que a nossa maior lealdade é para com o reino de Cristo, e uma vez que esse reino é global, um cristão de uma nação não pode participar honrosamente na guerra, o que significaria tirar a vida a outro irmão ou irmã de outra nação. ^[10]

Plaster observa que “aqueles que permitem a participação na guerra ao ponto de tirar vidas humanas não deram uma resposta a este ponto”. ^[11] *Dale Brown* acrescenta a sua voz a este argumento quando relata que *M.R. Zigler* “levantava-se muitas vezes e propunha que os luteranos se comprometessem a recusar matar uns aos outros, anglicanos, outros anglicanos, etc.” ^[12] Os menonitas distribuem agora postais nos quais está impresso o slogan: “Uma modesta proposta para a paz: que os cristãos se recusem a matar-se uns aos outros”. Entretanto, *Eileen Egan*, editora do “*The Catholic Worker*” (O trabalhador católico), recorda-nos que *Constantino* e *Agostinho* foram buscar a teoria da guerra justa aos pagãos para permitir que os cristãos leigos se tornassem soldados. ^[13]

II. INJUSTIÇA DA “GUERRA JUSTA”

Uma das características mais marcantes do debate sobre os cristãos e a guerra é a forma inabalável como os defensores da “guerra justa” admitem que as suas origens residem na Grécia e Roma pagãs. Surge como um conceito desenvolvido com base no direito natural por Cícero e “cristianizado” por *Agostinho*. Por vezes também é feita referência ao Antigo Testamento. No entanto, Jesus rejeitou especificamente a “*lex talionis*” como uma base adequada para a comunidade de espírito do Novo Testamento, tanto no seu ensino como no seu exemplo (*Mateus 5:38, 39*). O próprio Antigo Testamento deplora a guerra interna em Israel. O fratricídio ocorre inevitavelmente quando o “Israel” do Novo Testamento toma partido contra si próprio na guerra. Além disso, a filosofia pagã grega e romana é vista pelo Novo Testamento como uma perigosa ameaça à fé (*Colossenses 2:8*). A fé é essencialmente hebraica nos seus ingredientes principais e deve ser protegida contra a invasão da filosofia. *Floyd Filson* diz isto de forma muito eloquente:

O parentesco primário do Novo Testamento não é com este ambiente gentio, mas sim com a sua herança e ambiente judaico. Muitas vezes os nossos credos e teologias tradicionais levam-nos a pensar em termos ditados pelos conceitos gentios e especialmente pelos gregos. Sabemos que, o mais tardar no século II, o esforço sistemático dos apologistas começou a demonstrar que a fé cristã aperfeiçoou o melhor da filosofia grega... O Novo Testamento fala sempre com

^[8] Citado em “*Christian Pacifism*” (Pacifismo Cristão) in “*War: Four Views*” (Guerra: Quatro Visões), Intervarsity Christian Fellowship of the U.S.A., 1986, 87.

^[9] *Plaster*, 445.

^[10] *Ibid.* citado de “*Christian Pacifism*” (Pacifismo Cristão)” 90.

^[11] *Plaster*, 445.

^[12] “*Biblical Pacifism*” (Pacifismo Bíblico), Brethren Press, 1986, 8.

^[13] Citado por *Dale Brown*, *ibid.*, 7.

desaprovação e, geralmente, com uma denúncia contundente dos cultos gentílicos. e filosofias. Concorda essencialmente com a acusação judaica do mundo pagão. ^[14]

Mais adiante diz: “A igreja moderna muitas vezes compreende mal a sua relação com o Antigo Testamento e Israel e é muitas vezes inclinada a preferir a atitude grega à perspectiva do Novo Testamento”. ^[15]

Na mesma linha, o Canon *H.L. Goudge* escreveu: “Quando a mentalidade romana e grega passou a dominar a igreja, ocorreu um desastre na doutrina e na prática do qual nunca mais recuperámos”. ^[16]

Eberhard Griesebach, numa palestra académica sobre “Cristianismo e Humanismo”, observou: “No seu encontro com a filosofia grega, o Cristianismo tornou-se teologia. Essa foi a queda do Cristianismo”. ^[17]

O paganismo que espreita no cristianismo Post-constantiniano (embora a sua infiltração tenha começado no início do século II) é também revelado pelo *Professor G.J. Heering* no seu livro “*The Fall of Christianity*” (A Queda do Cristianismo). *Lutero*, afirma, derivou a sua teologia do Estado da lei natural estoica. Os seus sucessores nos tempos modernos deram estatuto absoluto à autoridade relativa do Estado, exigindo obediência cega. “Chegou a hora de o Cristianismo se desembaraçar do imperialismo e da guerra”. ^[18]

Voltando-se a seguir para a Igreja Católica Romana, aponta uma fraqueza sistémica que permite que os crentes sejam seduzidos a desobedecer ao comando do amor:

Embora seja uma igreja internacional, o Catolicismo Romano mostra pouca desaprovação do Estado nacionalista e dos seus modos de vida. A notável amizade do Papa com o ditador romano pagão de Itália, cujo Deus é o Estado e cujo culto é a lei, o poder e a guerra, e a evidente e ineficaz impotência do Vigário de Cristo sobre as suas congregações nacionais, cujos membros, mais ainda, cujos “pastores” até se atacam uns aos outros com baionetas na guerra, estas coisas dizem-nos mais do que suficiente. ^[19]

Uma teologia incisiva da paz deve expor incansavelmente a falsidade dos fundamentos sobre os quais se constroem as tradições protestantes e católicas da guerra. O tortuoso argumento de Lutero para justificar a participação cristã na guerra precisa de ser ensaiado e descartado.

Quando um cristão vai para a guerra ou quando se senta no banco de um juiz, castigando o seu próximo, ou quando apresenta uma queixa oficial, não o faz como cristão, mas como soldado, juiz ou advogado. Ao mesmo tempo, mantém um coração cristão. Não tem a intenção de magoar ninguém e dói que o seu vizinho tenha de sofrer. Por conseguinte, vive simultaneamente como cristão para com todos, sofrendo pessoalmente todo o tipo de coisas.

^[14] “*The New Testament Against Its Environment*” (O Novo Testamento Versus Seu Ambiente), London: SCM Press, 1950, 26.

^[15] *Ibid.*, 43

^[16] “*The Calling of the Jews*” (O Chamado dos Judios), em a “*Collected essays on Judaism and Christianity*” (Compilação de Ensaios sobre Judaísmo e Cristianismo), citado por *H.J. Schonfield* em “*The Politics of God*” (As Políticas de Deus), Hutchinson, 1970, 98.

^[17] Citado por *Robert Friedmann* em “*The Theology of Anabaptism*” (A Teologia dos Anabaptistas), Herald Press, 1973, 50.

^[18] *Fellowship Publications*, 1930, vii.

^[19] *Ibid.*, 70.

no mundo, e como pessoa secular, mantendo, usando e desempenhando todas as funções exigidas pela lei do seu território ou cidade, pelo direito civil e pelo direito interno. ^[20]

Mas com base em que base do Novo Testamento um cristão pode fazer algumas coisas como cristão e outras não?

Se julgadas à luz do único critério exigido por Jesus, condenam-se as formas mais populares de cristianismo. Por exemplo, a teologia da Maioria Moral carece visivelmente da ética de amar os inimigos no seu “evangelho”. Ele praticamente equipara a política externa americana à vontade de Deus. Nas palavras de *William Klassen*, “*Love of Enemies*” (Amor de Inimigos), esta forma de fé:

Deve ser declarado falso e aqueles que o proclamam devem ser designados como falsos profetas. A facilidade com que identificam os Estados Unidos com o Cristianismo e o facto de não seguirem Jesus no ensino da liberdade do ódio apoiam este juízo. Na Bíblia, os verdadeiros profetas foram logo expulsos da presença do rei porque se recusaram a aliar-se a ele ou a dizer-lhe o que ele queria ouvir. ^[21]

Igualmente insatisfatórias são as tentativas desesperadas de alguns para justificar o contínuo envolvimento cristão na guerra, alegando que a ética cristã é inadequada para decidir o que os cristãos fazem nas suas vidas “políticas”. Alguns porta-vozes da “guerra justa” parecem considerar a ética do evangelho inaceitável:

O Evangelho é um dos padrões da nossa vida, mas não o único. Nem toda a nossa moralidade está enraizada no evangelho, mas apenas uma parte dela. Para além do Evangelho existem exigências de poder e de direito sem as quais a sociedade humana não pode existir... O Estado assenta em impulsos e instintos completamente diferentes dos cultivados por Jesus... Todas as construções que tentam explicar o Estado desde o ponto de vista fraterno os amores ao próximo são historicamente considerados, conversa fiada... Nem todo o cumprimento do dever é cristão... É por isso que não consultamos Jesus quando tratamos de coisas que pertencem ao domínio da construção do Estado e da economia política. ^[22]

Numa tentativa de encobrir o horror da guerra, a declaração de *E. I. Bosworth*, reitor do Oberlin College, é difícil de ultrapassar. Falou do amor e da amizade com que um soldado cristão mata o seu inimigo:

O soldado cristão, por amizade, fere o inimigo. Na amizade, mate o inimigo. Na amizade, receba a ferida do inimigo. Mantém o seu coração amigo enquanto o inimigo o mata. O seu coração nunca envia o inimigo para o inferno. Ele nunca odeia. Tendo ferido o inimigo, corre para o seu lado o mais rapidamente possível com todos os serviços amigáveis possíveis... ^[23]

Aparentemente, não levou a sério a visão realista da guerra expressa por *Lord John Fisher*:

A humanização da guerra! Poderíamos também falar da humanização do inferno! Quando algum imbecil [o termo é comparativamente inofensivo tal como é usado em Inglaterra] em Haia se levantou e falou das vantagens da guerra civilizada e de colocar os pés dos prisioneiros em água quente e dar-lhes papas, a minha resposta, lamento dizê-lo, foi considerada totalmente inadequado para publicação. Como se a guerra pudesse ser civilizada! Se eu estiver no

^[20] “*Luther’s Works*” (Obras de Lutero), ed. Pelikan, Concordia, Vol. 21, 113.

^[21] *Philadelphia*: Fortress Press, 1984, 7.

^[22] *Frederick Naumann*, ministro luterano que escreveu em 1917, citado por *Ray H. Abrams*, “*Preachers Present Arms*” (Pregadores Apresentam Armas), Herald Press, 1969, 73.

^[23] *Ibid.*, 67.

comando quando a guerra eclodir, darei a minha ordem: “A essência da guerra é a violência. Moderação na guerra é imbecilidade. Bata primeiro, bata com força e bata em todos”. [24]

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Bispo de Londres, em nome de Cristo, adotou a mesma linha enérgica:

“Matem os alemães, não para os matar, mas para salvar o mundo. Mate os bons e os maus; mate os novos e os velhos; matar aqueles que demonstraram bondade para com os nossos feridos, bem como os demónios que crucificaram o sargento canadiano... Como já disse milhares de vezes, considero isto uma guerra pela pureza, considero todos os que nela morrem como mártires”. [25]

A extraordinária confusão de vozes sobre esta questão dos cristãos e da guerra obriga-nos a perguntar: Qual é a natureza da religião a que no Ocidente passámos a chamar Cristianismo? Reflete fielmente os ensinamentos da Bíblia? O que aconteceu à fé vital do Novo Testamento, que se distingue desta amálgama de vários tipos de filosofia grega, platonismo e estoicismo com algumas referências bíblicas selecionadas? Como pode este cristianismo mundano ser equiparado à comunidade que Jesus concebeu como intransigentemente não-violenta (“Neste [amor] todos os homens vos reconhecerão como meus discípulos”) e muitas vezes vítima da religião organizada (“Chegará um tempo em que aqueles que acreditam estão a prestar um serviço a Deus vão matar-te”)? Afinal, será o rótulo de “guerra justa” algo mais do que um encobrimento para ignorar as “palavras duras” de Jesus? Aqueles que perguntam: “Como devemos nós, como nação, tratar os nossos inimigos?” Não traem eles a sua solidariedade para com os sistemas deste mundo? Os cristãos do Novo Testamento não falam antes de “eles”, do mundo, e de “nós”, cristãos, uma colónia separada de embaixadores (2 Coríntios 5:20) que vivem como “estrangeiros residentes” (1 Pedro 2:11) num mundo hostil?

A diferença subjacente entre os defensores da “guerra justa” e os pacifistas é simplesmente esta: os primeiros acreditam que é seu dever ajudar a “gerir” o Estado agora, enquanto os pacifistas bíblicos acreditam que o Estado não pode ser pacificado daqui até à segunda vinda. A segunda posição sustenta com Paulo que Satanás continua a ser “o deus deste século”. Por isso, sustenta que a igreja “não tem nada a ver com julgar [isto é, administrar] aqueles que estão fora [da igreja]” (1 Coríntios 5:12). Ao mesmo tempo, tem uma escatologia clara, reconhecendo que os cristãos estão destinados, no futuro estabelecimento do Reino, a “administrar o mundo” (1 Coríntios 6:2, Moffat). Nessa altura, a igreja estará efetivamente encarregada dos assuntos mundiais. As Escrituras estão repletas de promessas de que os crentes são candidatos ao cargo real junto do Messias (Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; 1 Coríntios 4:8; 6:2, 2; Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3:21; Até que esse tempo chegue, a igreja deve manter um estatuto de “estrangeira residente”, sofrendo, se necessário, num mundo hostil ao espírito do Messias.

III. RECOMENDAÇÕES FINAIS

O único antídoto para o concubinato *Constantiniano* em que as igrejas caíram durante séculos é uma teologia da paz fortemente confessional. A Igreja deve recordar-se constantemente do horror daquilo que ainda hoje é visto como uma forma razoável de alcançar a paz permanente. Deve

[24] Citado por Roland Bainton, “*Christian Attitudes to War and Peace*” (Atitudes Cristãs Em Relação À Guerra E À Paz), Abingdon Press, 1960, 247.

[25] *Ibid.*, 207.

insistir que os planos para destruir a terra convidam à ira de Deus, e não à salvação (“*o tempo de destruíres os que destroem a terra*” – *Apocalipse 11:18*). Ele deveria exortar os crentes a lembrarem-se de que Jesus disse que os cristãos não deveriam ser “deste mundo” e que, uma vez que o mundo inteiro está “*no poder do maligno*” (*1 João 5:19*), não deveriam juntar-se a ele. O Estado é mau, está sob o controlo dos “principados e potestades e dos ‘cosmocratas’ (*kosmokratores*) desta presente escuridão” (*Efésios 6:12*). Se o Cristianismo Post-constantiniano tivesse estado do lado de Jesus, nunca teria contemplado a produção e o armazenamento de armas tão poderosas que hoje poderiam destruir cinco vezes todas as grandes cidades. Nunca devemos permitir que a Igreja se esqueça que, mesmo em 1985:

As armas nucleares armazenadas pelos EUA, URSS, Reino Unido, França e China equivalem a 1.000.000 de bombas de Hiroshima... As 50.000 ogivas e bombas nos atuais arsenais nucleares incluem 17.400 armas nas forças estratégicas das superpotências. O seu alcance é intercontinental. Cada arma é poderosa o suficiente para destruir uma grande cidade, se existissem tantas cidades no mundo... MX, oficialmente chamado *Peacemaker*, transporta dez ogivas com alvos independentes e tem um poder destrutivo 300 vezes mais poderoso que *Little Boy*, que matou ou mutilou 200 mil civis em Hiroshima. ^[26]

Terminamos como começámos, com a afirmação confiante de que só a recusa “anabatista” de tirar a vida faz justiça à ordem de Jesus à sua igreja. Embora a teoria do “mal menor” tenha tido o seu efeito sobre a grande maioria daqueles que se declararam cristãos, “uma reflexão séria indicará imediatamente que tal ética se move num nível completamente diferente daquele proclamado por Cristo”. ^[27] O mesmo documento diz tão eloquentemente que:

Que os cristãos se deixem levar a tomar partido na guerra é uma negação da unidade do Corpo de Cristo. A Igreja cristã não é provincial nem nacional, é universal. Por conseguinte, cada guerra em que as igrejas de cada lado toleram ou apoiam o esforço nacional torna-se uma guerra civil no seio da Igreja. Não será este estado de coisas em que um cristão mata outro cristão uma violação ainda maior da comunhão ecuménica do que as deploráveis diferenças confessionais que dilaceraram a nossa unidade? Na verdade, podemos nós, como cristãos, esperar que o Senhor restaure a nossa unidade no culto enquanto nos matamos uns aos outros no campo de batalha? Por isso, submetemos humildemente: a recusa em participar na guerra e em apoiá-la sob qualquer forma é o único caminho compatível com a elevada vocação da Igreja de Cristo. ^[28]

Amém. Mas será que vão ouvir? A Igreja ecuménica não deu ouvidos a *Bonhoeffer* quando este emitiu um apelo profético ao arrependimento e à obediência. Encerramos com as suas palavras, que refletem uma teologia da paz urgentemente necessária:

A nossa tarefa como teólogos é apenas aceitar o mandamento da paz, não como uma questão aberta à discussão. A paz na terra não é um problema, mas um mandamento dado na vinda de Cristo. Existem duas formas de reagir a esta ordem de Deus: a obediência incondicional e cega da ação ou a pergunta hipócrita da Serpente: “Então Deus disse-te...?” Esta questão é a inimiga mortal de toda a paz verdadeira...

^[26] Ruth L. Sivard, “*World Military and Social Expenditures*” (Os Gastos Militares e Sociais No Mundo), World Priorities, 1983, 13 e segs.

^[27] “*Peace Is the Will of God*” (A Paz é a Vontade de Deus), (Testemunho perante o Conselho Mundial das Igrejas, pelas Igrejas Históricas da Paz e pelo Movimento de Reconciliação Internacional), 1953, 13.

^[28] *Ibid.*, 17.

Os irmãos em Cristo obedecem à sua palavra; Não duvidam nem questionam, mas guardam os seus mandamentos de paz. Não têm vergonha de desafiar o mundo, nem sequer de falar em paz eterna. Não pode pegar em armas contra o próprio Cristo, mas é isso que fará se pegar em armas uns contra os outros! ^[29]

Um plano prático para a recuperação da fé pré-constantiniana seria:

- 1) Um esforço concertado por parte das igrejas da paz para chamar os seus próprios membros de volta a uma posição unida e vigorosa de paz.
- 2) Uma campanha para dar a conhecer esta posição em todas as denominações, convocando assim um núcleo de crentes não violentos.
- 3) A pregação do Evangelho do Reino em toda a parte de acordo com o seu significado messiânico original, tendo a paz como requisito essencial do discipulado – a paz agora entre todos os crentes, como uma preparação necessária para a entrada no Reino de Deus, através da sobrevivência até ao “*Parousia*” ou pela ressurreição nesse momento (*1 Coríntios 15:23*).
- 4) O restabelecimento da escatologia (sem recuar no apocaliticismo bíblico) como o primeiro lugar na teologia dogmática, com a ética e a eclesiologia em segundo lugar, seguido de um exame de outros danos causados ao cristianismo bíblico pela sobreposição da filosofia grega.

^[29] *Bonhoeffer, Briefe, Aufsätze, Dokumente*, 1928-1942, 447, 448.